

Ação e interação: uma etnografia do gauchismo no ciberespaço¹

Ariele Silverio Cardoso²

Alberto Groisman³

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, sob uma perspectiva etnográfica, as redes relacionadas ao gauchismo observadas em pesquisa de campo realizada entre 2013 e 2016. O percurso metodológico se dá a partir do acompanhamento de websites e de páginas em redes sociais, da realização de entrevistas e da observação participante em eventos. As ações dos interlocutores e as interações construídas nesse contexto são articuladas com referenciais teóricos que problematizam as alterações conceituais sobre o ciberespaço, as socialidades construídas no gauchismo e nos meios digitais, as novas tecnologias e as transformações decorrentes delas na contemporaneidade. Com esta pesquisa foi possível constatar que, para além de manifestações análogas nos universos online e offline, a associação entre as vivências gauchescas nestes espaços configura a existência de um continuum e a ausência de desconexão.

PALAVRAS-CHAVE

gauchismo; ciberespaço; antropologia; folkcomunicação.

Action and interaction: an ethnography of gauchism in cyberspace

ABSTRACT

This article objective is to analyze, from an ethnographic perspective, the networks related to gauchismo observed in field research carried out between 2013 and 2016. The methodological course is based on the monitoring of websites and pages in social networks, and in participant observation at events. The actions of the interlocutors and the interactions built in this

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. Bolsista CNPq (AT) no Projeto GPS Jor - Governança, Produção e Sustentabilidade para um Jornalismo de novo tipo. E-mail: ariele_sc@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: groisman.a@gmail.com.

context are articulated with theoretical references that problematize the conceptual changes on cyberspace, on the socialities built in the gauchismo and in the digital media, on the new technologies and the transformations arising from them in the contemporaneity. With this research it was possible to verify that, in addition to analogous manifestations in the online and offline universes, the association between the gauchescas experiences in these spaces configures the existence of a continuum and the absence of disconnection.

KEY-WORDS

gauchismo; ciberespace; anthropology; folkcommunication.

Introdução

Gaúcho, gauchismo, nativismo, telurismo, regionalismo, tradicionalismo. São inúmeros os termos associados às identidades e às culturas abordadas nesta pesquisa. A multiplicidade de interpretações sobre o que é “ser gaúcho”, por exemplo, foi assunto recorrente na pesquisa de campo. Importante ressaltar que na grande maioria dos livros sobre o tema, escritos por tradicionalistas e/ou por pesquisadores acadêmicos, “ser gaúcho” é sinônimo de “ser rio-grandense-do-sul”. Meus interlocutores, porém, contestavam.

Quem nasce no Rio Grande do Sul é gaúcho? Não!! Quem nasce no Rio Grande do Sul é Rio-grandense. Quem é o gaúcho? O gaúcho é aquele que leva as suas tradições, as suas, é... raízes... como tradicionalista. Aquele que cultua a tradição gaúcha. Lá dos povos antigos, Chile, Argentina, cê sabe disso... (MIGUEL MAFRA, 2014, informação verbal⁴)

O fato de grande parte de meus interlocutores terem nascido em Santa Catarina poderia ser uma evidência de que somente os catarinenses ou aqueles que não nasceram no Rio Grande do Sul defenderiam esta tese, mas esta é uma inverdade. Em campo, conversei também com diversas pessoas que nasceram, sim, no Rio Grande do Sul, que utilizam o gentílico “gaúcho” para se referirem ao estado natal, mas que também defendem o conceito de “gaúcho” como alguém envolvido nestas “tradições”. O que evidenciam, e que parece ser constitutivo de sua teoria nativa, é que “ser gaúcho” é, também, afirmar constantemente que a identidade transcende fronteiras físicas. Assim, este artigo trata das gaúchas e dos gaúchos

⁴ Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014, durante as comemorações da Semana Farroupilha de Joinville, no Piquete Chaleira Preta.

de todas as querências, nascidos ou não no Rio Grande do Sul, e que são englobados aqui também no termo “gauchismo”.

Este trabalho, de inspiração etnográfica, foi construído com a utilização de diversas metodologias de pesquisa científica. A revisão teórica iniciou com a seleção de autores que auxiliariam a pensar o campo da sociologia e da antropologia, em especial à antropologia do ciberespaço. Ressalto que é necessário, ainda, aprofundar leituras que auxiliem a observar as especificidades da comunidade que se objetiva analisar. Ao investigar o gauchismo, um universo composto por linguagens distintas (não somente orais e escritas, mas também audiovisuais), o apoio teórico ganha especial dimensão para a compreensão dos fenômenos que o próprio campo de estudos apresenta.

A observação dos websites, a participação em eventos e a aplicação de entrevistas foram os principais métodos empregados durante a pesquisa de campo. Importante destacar ainda a utilização de plataformas digitais, como Facebook, Messenger e Whatsapp, além do Google Chrome como navegador no computador e no smartphone, tecnologias cuja interatividade e conectividade pressupõem e/ou subentendem disponibilidade constante. É preciso considerar que “para muitas pessoas o termo ‘entrar na internet’ não faz mais sentido, já que seus celulares (do padrão e-mode) podem estar ininterruptamente conectados à Rede” (SILVA e ZAGO, 2012, p. 186). Nestas situações, por mais que o pesquisador esteja disponível a novas experiências, ao ter “curtido” e estar “seguindo” algumas páginas no Facebook, a configuração desta rede social permite que os conteúdos cheguem a ele sem que necessariamente os esteja buscando. Assim, a pesquisa se dá mesmo quando o acesso a esses meios tem caráter pessoal, pois mesmo que a conexão não seja no âmbito da investigação, conteúdos compartilhados por outros indivíduos ou páginas acabam por fazer com que o pesquisador trabalhe em tempo integral, ou o conduzam à pesquisa sem que haja um agendamento prévio. Para Bauman,

a entrada da telefonia móvel na vida social eliminou, para todos os fins práticos, a linha divisória entre tempo público e tempo privado; entre espaço público e espaço privado; casa e local de trabalho; tempo de trabalho e tempo de lazer; “aqui” e “lá”. O proprietário de um telefone celular está sempre e em toda parte

ao alcance dos outros, está sempre “aqui”, sempre ao alcance da mão.
(BAUMAN, 2011, p. 44)

Há que se considerar, ainda, a necessidade de exercitar o distanciamento quando meios tão familiares são utilizados como instrumentos para pesquisas científicas. Afinal, como pontua Rifiotis, “somos nativos do ciberespaço e o nosso olhar sobre ele está situado na fronteira entre a nossa observação e a nossa experiência” (RIFIOTIS, 2010, p. 7). Obviamente, pesquisas realizadas no e por meio do ciberespaço têm suas especificidades, mas estas não são desconexas das investigações etnográficas realizadas “fora” destes ambientes ou de meios de comunicação digitais.

A realização de entrevistas foi concretizada presencialmente e também por computador e smartphone, através dos aplicativos Messenger e Whatsapp. Elas iniciaram, porém, com a observação dos websites e a participação em eventos presenciais. Como pontua Briggs (1986), o primeiro passo a ser tomado antes da realização de entrevistas é conhecer as normas básicas da sociedade ou comunidade relacionada. É necessário familiarizar-se com a população observada e compreender quais eventos públicos ocorrem nesta comunidade e quem comunica para quem, peças chave no processo. Antes de entrevistar, o etnógrafo precisa conhecer quais figuras linguísticas são adequadas para cada situação. E acima de tudo, cita o autor, é crucial saber o que não é permitido ou adequado perguntar.

Pesquisando (n)o ciberespaço

Virtual, real, atual, possível, *online* e *offline* conceitos que têm sido alvo de críticas por parte dos antropólogos. No início das pesquisas no (e do) ciberespaço, eram comumente utilizadas as tradicionais categorias *offline* (que antes era o chamado “mundo real”) serem empregadas também no contexto *online* (comumente identificado como “mundo virtual”). Segundo Guimarães Jr, isso se dava devido à novidade em relação a essa “terra nova” chamada ciberespaço. Com o passar do tempo, porém, o autor acreditava que o *online* passaria

a ter uma história e uma tradição que suportem a explicação de suas próprias categorias. Assim, termos como "pessoa", "identidade", "comunidade", "gênero" e outros passarão a ser empregados com a especificidade da forma como são vividos offline, e não como adaptações dos conceitos offline. (GUIMARÃES JR, 1999a, p. 8)

Ainda hoje, porém, são aplicados conceitos *offline* no mundo *online*, ao passo em que categorias *online* também passam a ser utilizadas para o universo *offline*. Mais recentemente, por exemplo, os termos “perfil, status, curtir e compartilhar” ganharam novos sentidos, ao serem utilizados massivamente nas redes sociais digitais, e conseqüentemente também passaram por ressignificações nas suas utilizações *offline*. Segundo Bernardo Lewgoy, isso ocorre porque “o mundo virtual nasce percebido pelas ciências humanas como um simulacro (no sentido de Baudrillard, 1981 e Gilles Deleuze, 2007) dotado de realidade, copiando a forma do real para existir” (LEWGOY, 2009, p.193). Estudos atuais revelam, porém, que as interações “virtuais” não somente “copiam” o real, porque de fato elas são reais. Para Guimarães, a apropriação que se faz de antigas teorias antropológicas voltadas inicialmente aos estudos *offline* pode ser uma das causas de pensarmos de forma tão análoga as interações existentes nos dois “mundos”:

Acredito que a cultura do ciberespaço mantenha uma série de semelhanças com a cultura "atual". Estas semelhanças, sejam elas decorrentes de um projeto intencional, ou do seu próprio desenvolvimento, serão verificáveis na medida em que esquemas teóricos utilizados para pensar a sociedade "real" possam ser transpostos com sucesso para a análise das relações de sociabilidade virtuais. (GIMARÃES, 1997, p.7)

É possível entender que, se a antropologia tem utilizado os mesmos conceitos para lidar com as duas situações, é porque o campo demonstra que as duas realidades não podem ser dissociadas. A maneira como entendemos o ciberespaço também precisa ser questionada no que diz respeito à maneira como o pesquisamos. Para André Lemos, “o ciberespaço (...) não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real” (LEMOS, 2004, p.128). Poderíamos acrescentar que, ao mesmo tempo que complexifica o “real”, o ciberespaço também pode ser um simplificador, pois mais recentemente vêm se desenvolvendo

aplicativos destinados à facilitação de atividades como controle de agenda, de contatos, de planejamento financeiro, etc.

Guimarães concorda com Lemos no que diz respeito à complexidade do ciberespaço, mas suscita também que devem ser levadas em consideração as especificidades das socialidades envolvidas, quando cita que

O ciberespaço pode ser (...) considerado como uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais. A desterritorialização, saída do "agora" e do "isto" é uma das vias régias da virtualização, por transformar a coerção do tempo e do espaço em uma variável contingente. Esta migração em direção à uma nova espaço-temporalidade estabelece uma realidade social virtual, que, aparentemente, mantendo as mesmas estruturas da sociedade real, não possui, necessariamente, correspondência total com esta, possuindo seus próprios códigos e estruturas. (GUIMARÃES, 1997, p. 4)

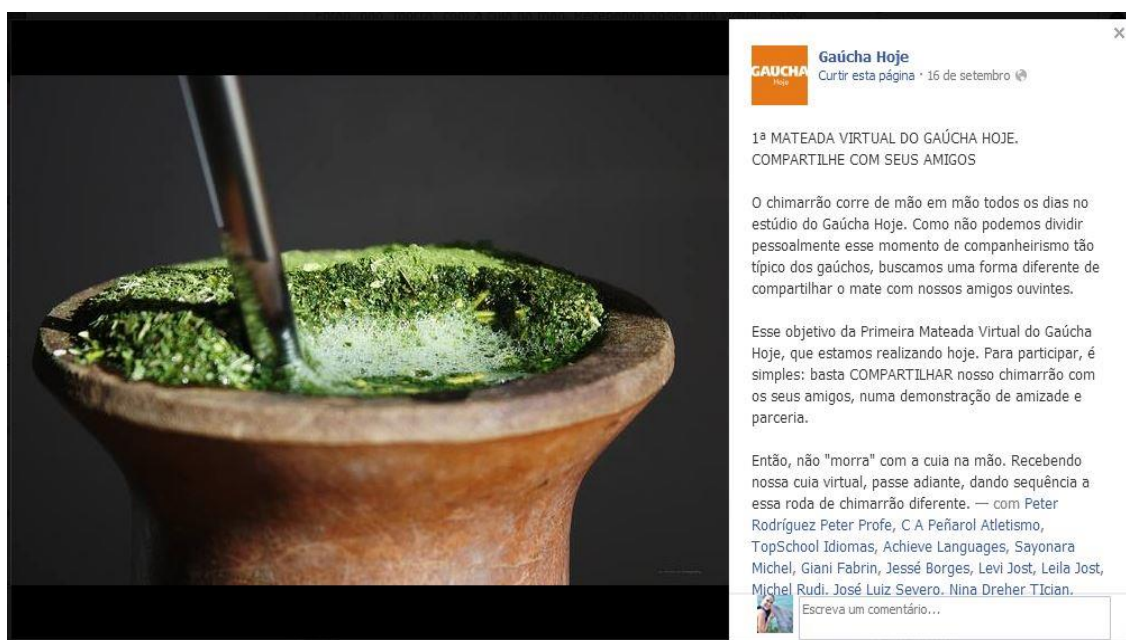
O que Guimarães mostra, dessa maneira, é que as pesquisas no ciberespaço têm suas especificidades, mas que não as afastam das pesquisas fora do ambiente "virtual". Assim como no plano *offline*, é preciso estranhar e distanciar-se também das situações vivenciadas no plano *online*, como o próprio caráter da pesquisa etnográfica, que será realizada "dentro" e "fora" do ciberespaço, com a observação de sites e realização de conversas e entrevistas pelos meios de comunicação digitais.

Ainda que o método comparativo não seja o mais adequado, vale fazer uma última observação. Para Guimarães, "o Ciberespaço, da mesma forma que o 'espaço' social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior" (GUIMARÃES, 1999b, p. 2). Situações vivenciadas *offline* são encontradas de forma análoga no plano *online*. É levando em conta essas características que são analisadas, neste artigo, as analogias e o *continuum* observadas durante a pesquisa de campo.

Analogias

Um exemplo interessante do que se considera serem analogias encontradas nas vivências do gauchismo *online* e *offline* foi publicado em 16 de setembro de 2013 na página de um programa oficial da Rádio Gaúcha no *Facebook*. O programa “Gaúcha Hoje” vai ao ar de segunda a sábado, das 5h30 às 8h, na Rádio Gaúcha AM/FM, pertencente ao grupo RBS de comunicação. Em seu *Facebook*, o “Gaúcha Hoje” iniciou o que chamou de “mateada virtual”. Mateadas, ou rodas de chimarrão, são eventos sociais onde os participantes compartilham a mesma bebida: o chimarrão. Servido em uma única cuia, o chimarrão é reabastecido (a cuia é novamente completada com água quente) assim que cada um termina de bebê-lo, para passar ao próximo mateador, como são chamados os integrantes das mateadas. No plano *offline*, as mateadas acontecem em rodas onde os participantes tomam o chimarrão⁵ compartilhando uma mesma cuia⁶, socializando e trocando afetos. Segundo Noernberg,

as pessoas buscam a roda para atualizar-se, para discutir as notícias veiculadas pela imprensa, para conseguir informações sobre criação de pássaros, resultados de jogos de loteria ou até mesmo quando o assunto é alguma transação comercial. Em meio à partilha surgem atos comunicativos (na forma de oralidade e silêncio) e tensões. (NOERNBERG, 2012, pp.120-121)



⁵ Em algumas regiões também chamado de mate (e por isso as rodas de chimarrão também são chamadas de “mateadas”), o chimarrão é uma bebida feita a partir da infusão de água quente e erva-mate (extraída da planta *Ilex Paraguariensis*) em uma cuia. “É preparado em uma cuia e servido através de um tubo metálico, com um ralo na extremidade inferior, ao qual se dá o nome de bomba” (NUNES e NUNES, 2010, p. 111).

⁶ Recipiente usado para preparar e tomar o chimarrão. É comumente feita de porongo ou cabaça, fruto do porongueiro (*Lagenaria vulgaris*), mas também pode ser encontrada em madeira, louça, barro ou outros materiais.

Imagem - Registro da "mateada virtual" compartilhada no Facebook Fonte: Facebook. Acesso em 19/09/2013

A proposta da “mateada virtual” era de que as pessoas, ainda que no plano *online*, compartilhassem a imagem de uma cuia de chimarrão como se estivessem em uma roda *offline*. Assim, mais do que compartilhar uma imagem, há no ato uma analogia com o mundo *offline*, permitindo às pessoas a participação em um espaço sócio-simbólico ampliado, neste caso, pelo plano *online*. A seguinte mensagem acompanha a publicação: “O chimarrão corre de mão em mão todos os dias no estúdio do Gaúcha Hoje. Como não podemos dividir pessoalmente esse momento de companheirismo tão típico dos gaúchos, buscamos uma forma diferente de compartilhar o mate com nossos amigos ouvintes.”. No dia 19 de setembro de 2013, três dias depois de postada no *Facebook*, a publicação já havia sido compartilhada 5.805 vezes, com 1.426 curtidas, o que demonstra grande visibilidade e adesão dos usuários do *Facebook*.

Entre os comentários que a imagem recebeu, pode-se perceber pessoas nas mais diversas localidades, incluindo outros países, partilhando a experiência. Uma das participantes da mateada virtual, nasceu em Uruguaiana mas mora atualmente em Portugal. Ela compartilhou a imagem escrevendo “Bom dia!!! Saudades da minha terra. Estou curtindo a mateada virtual e adorando. Estou em Coimbra (PT) e com a erva e cuia como uma companheira diária”. Barbosa Lessa, em livro cuja primeira edição data de 1957, afirma que a bebida é “o melhor remédio contra a saudade e outros apertos da alma” (LESSA, 1986, p. 68). Sem saber que sua análise faria sentido mesmo em 2014, ele conclui com uma afirmação tão atual que pôde ser vista no comentário registrado na imagem compartilhada no *Facebook*: “Longe da querência, da terra natal, ou longe da família, seu bem-querer, o mateador encontra no silêncio e isolamento as condições ideais para a troca de confidências com seu outro eu – corporificado na cuia, caixa de ressonância das melhores lembranças” (LESSA, 1986, p. 68).

Há ainda, entre os comentários registrados na imagem, outros participantes que nasceram no Rio Grande do Sul e hoje moram em outros estados da federação. Um deles,

nascido em Camaquã e residente em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, age exatamente como se estivesse em uma mateada *offline*, comenta com abraços ao pessoal do programa “Gaúcha Hoje” e conclui: “Então entrego a cuia para o próximo matear.”. Ainda fazendo alusão à prática das mateadas *offline*, um comentário muito comum nestas rodas é o de que quem está tomando chimarrão não pode ficar muito tempo com a cuia, tendo logo que passar para o próximo participante. Neste sentido, outra pessoa comenta: “mas não demora com essa cuia na mão tchê⁷!”.

Por mais que as pessoas envolvidas neste post não estivessem juntas em um mesmo local físico e compartilhando o mesmo objeto (a cuia), elas utilizaram de um outro espaço, a internet, para compartilhar com a mesma simbologia um dos ícones da “cultura gauchesca”: o chimarrão. Assim como exposto por Noernberg, se referindo às rodas de Chimarrão em Canoinhas-SC, os participantes da “mateada virtual” também socializavam, comentando sobre o alto preço da erva-mate, mandando saudações para os participantes e contando seus causos. Muitos dos internautas explicitaram que compartilharam aquela imagem com a cuia em suas mãos, tomando chimarrão e ouvindo o programa. Alguns, inclusive, postaram fotos de suas cuias e garrafas térmicas, como se houvesse a necessidade de comprovar que aquela “mateada virtual” havia se transformado, assim, em uma prática para além do ciberespaço. Onde está, então, a diferença explicitada pela postagem quando a “Gaúcha Hoje” cita que esta é “uma forma diferente de compartilhar o mate”?

Um Continuum

Além de possíveis semelhanças, muitas vezes as vivências *online* e *offline* do que chamo aqui de “gauchismo” não estão circunscritas a um ou outro meio. Em campo, diversas vezes presenciei ou atuei em situações que podem ser interpretadas como sendo “continuidade” entre estes espaços, tanto do *on* para o *offline* quanto o contrário.

É o exemplo do que ocorreu na ocasião de um evento em Blumenau-SC. Neste caso, fui informada pelo *Facebook* sobre a realização de um show de música nativista, e toda a

⁷ Tchê ou chê: expressão utilizada para referir-se a outra pessoa. “Equivalente a ‘tu aí’, ou ‘tu’ simplesmente. Usa-se também como vocativo: ‘como vai, chê?’.” (NUNES e NUNES, 2010, p. 109)

preparação para este evento *offline*, inclusive a busca por informações e a compra de ingressos, ocorreu no plano *online*. Fiz o seguinte registro em meu diário de campo:

À tarde, quando estava procurando informações sobre o show, perguntei a ela se ela achava que poderia comprar o ingresso na hora ou era muito arriscado. Ela disse que geralmente estes shows acontecem em lugares pequenos, e poderia lotar. Disse que se eu quisesse poderia arriscar de ir lá e ver se eles estavam vendendo na hora. Considerando a distância até Blumenau, preferi entrar em contato com uma conhecida que mora lá. Pelo *Facebook*, ela disse que entraria em contato com o Patrão da Invernada onde o marido dela toca, e daria retorno mais tarde. Depois ela me escreveu dizendo que eu poderia reservar, e que custava R\$ 40,00 cada ingresso. Pedi então que reservasse e marcamos de nos encontrar no rodeio para que eu pudesse pagá-la e ela pudesse me entregar os ingressos físicos. (Trecho do Diário de Campo, maio de 2014).

Este caso específico iniciou no plano *online* (eu soube do evento, procurei informações e reservei os ingressos, tudo pelo *Facebook*) e culminou no *offline*, onde efetuei o pagamento e recebi os ingressos, encontrei com aquelas que haviam sido minhas interlocutoras virtuais, que me fizeram ter conhecimento do evento e possibilitaram a reserva das entradas, e finalmente assisti ao show na companhia delas. É importante citar, também, que as mensagens enviadas pela segunda interlocutora, que reservou os ingressos, apareciam como tendo sido “enviadas pelo *Messenger*”, um aplicativo desenvolvido pelo *Facebook* para facilitar o bate-papo (ou chat) via celular. Quando nos encontramos, no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) onde aconteceria o show, ela pediu desculpas e justificou a demora nas respostas: ela disse estar correndo enquanto teclava comigo, e entrava em contato com outras pessoas para conferir se ainda haviam entradas disponíveis. Para Bauman, esta é uma característica da mobilidade proporcionada pelos telefones celulares.

O advento do celular tornou possível a situação de alguém estar sempre à inteira disposição do outro; na verdade, trata-se de uma expectativa e um postulado realista, uma demanda difícil de recusar, porque se supôs que sua satisfação, por fortes razões objetivas, era impossível. Pelas mesmas razões, a entrada da telefonia móvel na vida social eliminou, para todos os fins práticos, a linha divisória entre tempo público e tempo privado; entre espaço público e espaço privado; casa e local de trabalho; tempo de trabalho e tempo de lazer;

“aqui” e “lá”. O proprietário de um telefone celular está sempre e em toda parte ao alcance dos outros, está sempre “aqui”, sempre ao alcance da mão. (BAUMAN, 2011, p. 44)

Silvia e Zago analisam esta dependência da comunicação instantânea do ponto de vista dos *smartphones*, no qual o relacionar-se complexifica a noção que tínhamos até então de espacialidade: “Tem-se um duplo nomadismo: o indivíduo marca presença em dois lugares simultaneamente. Com isso, produz-se um estado evasivo de presença-ausente: a separação física não impede a relação” (SILVA e ZAGO, 2012, p. 187).

Outro exemplo desta “continuidade” ou da “socialização desterritorializada” alcançada pelos celulares com acesso à internet pôde ser vista em todos os eventos que presenciei durante a pesquisa de campo: os indivíduos vivenciam o *offline*, mas compartilham suas experiências em tempo real nas redes sociais digitais, publicando textos, fotos e vídeos que refletem o acontecimento que presenciam, tal como apontado por Silva e Zago:

A partir do acesso a uma rede social móvel através do celular, o usuário pode compartilhar informações – textos, imagens, sons ou vídeos – diretamente a partir do local onde se encontra. Do mesmo modo, ao estar em um determinado local, pode acessar conteúdos deixados por outros usuários – amigos ou desconhecidos – sobre esse mesmo lugar. (SILVA e ZAGO, 2012, p. 189)

Assim as autoras apontam a necessidade de novamente rever nossos critérios de análise dos universos *online* e *offline*, pois “para muitas pessoas o termo ‘entrar na internet’ não faz mais sentido, já que seus celulares (do padrão *e-mode*) podem estar ininterruptamente conectados à Rede” (SILVA e ZAGO, 2012, p. 186). Na pesquisa de campo, pude ver esta atitude tanto por parte de frequentadores quanto dos organizadores dos eventos, como já descrevi anteriormente. Corroborando com isto, Humphreys entende que “o compartilhamento de informação social através do sistema de rede social móvel deve ser capaz de transformar as experiências dos usuários com relação aos espaços públicos que eles habitam” (HUMPHREYS, 2007, p. 344).

Outra expressiva amostra das continuidades entre universos *online* e *offline* aconteceu durante o Festival de Dança de Joinville de 2014, quando aconteceram algumas apresentações de grupos de dança gaúchas. O evento, para mim, já começou na internet, quando acessei o *Facebook*, e vi uma postagem de Fabiano, fotógrafo voluntário do Portal Guapos, um dos *websites* que pesquisei. A publicação trazia a foto de um grupo de danças gaúchas com a seguinte legenda: “Seja bem-vindo 32º Festival de Dança de Joinville. Considerado o maior do mundo!”. Interessada, comentei perguntando de onde era a foto, e ele respondeu na própria postagem o nome e a cidade do grupo. Logo em seguida, fui “marcada” no comentário de uma postagem da *fanpage* do Portal Guapos no *Facebook*. A postagem continha um *link* que redirecionava para uma notícia onde constavam os locais e horários das apresentações. Interessante notar que o “próprio” PG me marcou, sendo que eu havia feito o questionamento sobre a foto diretamente na página particular do fotógrafo.

Já no dia das apresentações, cheguei as 10h30min no local onde elas estavam programadas para acontecer. Logo que cheguei, vi algumas pessoas pilchadas⁸. Os homens vestiam camisa branca, casaco vermelho e um “chiripá farroupilha”, usavam botas com esporas e também um lenço vermelho na cabeça, sob o chapéu. As mulheres usavam sapatilhas e meias-calças de cor bege e vestidos de cetim em tom rosa envelhecido com mangas $\frac{3}{4}$ e decote redondo profundo, com detalhes em tom bordô, assim como o forro do vestido em tule, além de babados com renda branca. Todas estavam com os cabelos presos em “rabo-de-cavalo” enfeitado na lateral com uma flor em tom bordô. Eram cinco casais, que executaram uma coreografia que alternava passos de balé clássico, rodopios e sapateados, executados por homens e mulheres. Mais tarde soube que se tratava de um grupo da cidade de Butiá-RS.

Em seguida reconheci os integrantes do grupo cuja apresentação havia sido divulgada pelo fotógrafo e, posteriormente, na *fanpage* do portal do qual faz parte. Assim como o primeiro grupo, eles também estavam em cinco casais, que desceram de uma van branca cerca de 15 minutos após minha chegada. As mulheres estavam pilchadas com vestidos

⁸ “Vestimenta típica de gaúcho” (NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul. 12a. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2010, p. 374). Como o termo “gaúcho pode ser utilizado como gentílico dos nascidos no Rio Grande do Sul, tomo a liberdade de corrigir como sendo a pilcha a “vestimenta típica” dos gaúchos tradicionalistas ou relacionados ao gauchismo.

vermelhos manga longa e com decote fechado em “V”, com duas camadas de babado na barra da saia: uma delas em azul e a outra feita com renda branca. Todas com o cabelo preso em “coque” adereçado na lateral com uma grande flor vermelha. Os homens vestiam camisa branca, chiripá farroupilha azul e lenço em tons de marrom. Assim como o primeiro grupo, também usavam lenço vermelho sob o chapéu, além de um cinto com correntes e fivela metálicas. As botas eram de marrons ou pretas, e combinavam com o cinto que cada um usava.

Enquanto aguardava as apresentações, fiz algumas fotos dos integrantes dos dois grupos, e procurei por Fabiano ou outro integrante do site que havia publicado a programação, mas como não encontrei ninguém, resolvi checar o *Facebook*, para ver se havia alguma informação. Logo que abri o aplicativo pelo celular, vi que o fotógrafo havia postado 14 minutos antes “Top esse festival de dança.... #foto #fotos e #maisFotos”. Como eu não o havia visto pelos arredores, comentei sua atualização de status, anexando uma foto que eu havia feito de uma prenda do mesmo grupo cuja apresentação ele havia divulgado. Imaginei que ele pudesse fazer contato, respondendo ao comentário. Em seguida (já era aproximadamente 12h15min), ele iniciou uma conversa pelo bate-papo do *Facebook*, que estão transcritas⁹ a seguir:

Fabiano

– Oie

– Elas eram pra estar aqui na feira as 11.. Não vão mais se apresentar aqui será?

Ariele

– Não se apresentaram na estação da memória ainda

Fabiano

– Serioo

⁹ Aqui vez faz-se necessário salientar que a manutenção das características ortográficas são estratégias para evidenciar uma linguagem específica utilizada por meus interlocutores. Neste caso, a escrita de Fabiano demonstra claramente uma estilística informal típica dos diálogos realizados no modo *online*. Como na fala oral, transpassa-se a barreira ortográfica tida como “correta” para ampliar uma noção de pessoalidade, proximidade e informalidade entre os agentes.

- Vou pra aí então
- Será que dá tempo

Ariele

- A menina da organização me falou que eles serão os últimos aqui

Fabiano

- Já começou?

Ariele

- Está no 23° grupo, e eles serão o 30°
- Faltam 7 até eles

Fabiano

- Vou aí então

Ariele

- Perdeu um outro grupo gaúcho que se apresentou aqui

(2014, via chat do *Facebook*)

Enquanto conversávamos pelo bate-papo do *Facebook*, ambos via aplicativo para *smartphone*, vi chegar outro grupo de danças gaúchas, desta vez em posse de lanças e facões. Mais tarde soube que se tratava de um grupo de Porto Alegre-RS, que também estava programado para se apresentar.

Ariele

- Tem mais um grupo gaúcho aqui!

Fabiano

– To indo ai

Ariele

– Acho que logo os Charruas se apresentam

– Estão se preparando já

Fabiano

– Cheguei kk

(2014, via chat do *Facebook*)

Ele contou que estava esperando em outro palco, onde o grupo deveria ter se apresentado as 11h. Com o atraso na primeira apresentação, eles não compareceram à segunda. Era aproximadamente 12h30min quando eles se apresentaram no primeiro palco, sendo então fotografados por Fabiano, que, imediatamente após o término da dança, foi ao encontro dos bailarinos cumprimentá-los e mostrá-los, pelo visor da câmera, as fotos que havia feito.



Imagem 2 – Fabiano exibe as fotos que fez às bailarinas e ao bailarino

Crédito: Ariele Cardoso

O que fica claro mais uma vez, neste episódio, é a relação direta que os meios *online* e *offline* possuem, seja de forma análoga ou de forma contínua.

A alteração de cultura no uso de dispositivos móveis não se dá somente com a intensidade da conexão, tendo em vista que o indivíduo está agora conectado todo o tempo à rede, mas também com o contexto do espaço físico. Como Rheingold (2003) observou, os adolescentes nórdicos e japoneses se comunicam na metrópole e trocam informações das suas posições e em seguida se encontram em algum lugar público, como um shopping center. Fenômeno semelhante ocorreu com os *FlashMobs* em várias partes do planeta. Pessoas trocam informações de forma viral e se encontram fisicamente em algum local público. O “lugar” e o “encontro físico” são elementos novos na sociabilização da cibercultura, estes elementos são mais ligados ao mundo pré-internet e que agora são potencializados e amplificados. (PELLANDA, 2011, p. 166)

Do mesmo modo, a comunicação realizada inicialmente pelo *Facebook* resultou em um evento *offline* no qual, além dos espetáculos de dança, pude assistir também outras atividades: o fotógrafo que me possibilitou saber do evento aproveitou as apresentações para atualizar o *website* do qual faz parte, e assim também divulgar o seu trabalho. Fez assim com o grupo cuja apresentação ele havia divulgado em sua página no *Facebook*, e também com o último grupo de danças gaúchas a se apresentar naquele palco. Como este último era de Porto Alegre-RS e ele não os conhecia até então, Fabiano aproveitou as poses que eles faziam para a coordenadora do grupo, e também fotografou os dançarinos. Após o término da sessão de fotos, ele entregou ao grupo pequenos adesivos contendo o endereço do Portal Guapos, material que também é utilizado em bailes para divulgação da página, e foi solicitado pelos bailarinos para fazer retratos deles, utilizando como cenário um conhecido ponto turístico da cidade. No mesmo dia, à tarde, ele “repostou” na página do Portal Guapos no *Instagram* as fotos e vídeos que eu havia publicado e solicitou, via *Whatsapp*, que eu mandasse fotos e vídeos a ele.

Considerações finais

Falar sobre gaúchos é falar de diversos reconhecimentos. Para abordar o que estou chamando de *gauchismo on-offline* e as pessoas que tornam possíveis estes espaços de expressão, busquei inicialmente resgatar o significado do “ser gaúcho”, cujos discursos dos meus interlocutores evidenciaram ser de grande importância para eles. Dessa forma, percebe-se que o conceito evoca, ao mesmo tempo, divisão e proximidade, mas que apresentaram também trânsito e redes que transpõem o que seriam “barreiras” ou “fronteiras”, que muitas vezes parecem existir somente nas formalidades e nas expectativas – quando existem.

Neste artigo procurei analisar as manifestações gauchescas nos universos *on* e *offline*, compreendendo que por vezes estes universos se confundem, outras vezes claramente eles apresentam dependência e continuidade. A pesquisa de campo me permitiu conhecer de forma mais intensa e extensa as atividades dos *websiters*, para além dos discursos *online/offline*. Considero que a etnografia realizada *online* algumas vezes aconteceu de forma um tanto quanto “espontânea”. Por mais que eu estivesse disponível a novas experiências, ao

ter “curtido” e estar “seguindo” algumas páginas no *Facebook*, a configuração desta rede social permitiu que os conteúdos chegassem a mim sem que necessariamente eu os estivesse buscando. Como utilizei minha página pessoal para realizar a pesquisa, mesmo que eu estivesse conectada não no papel de pesquisadora, conteúdos compartilhados por outros indivíduos ou páginas acabavam por me fazer pesquisar em tempo integral, ou me fazer pesquisar sem que houvesse um agendamento prévio. Estes acontecimentos foram possibilitados também pelos instrumentos que utilizei durante a pesquisa etnográfica, como o *smartphone*. Conforme discuti neste trabalho, a interatividade e a conectividade destas tecnologias pressupõem e/ou subentendem uma disponibilidade constante. Na prática, observei que a pesquisa “me procurou”, como estas páginas “procuram” seus leitores, seus clientes.

Em determinados momentos – como durante o Festival de Dança – interações iniciadas *online* resultaram em experiências *offline* que, intermediadas por mecanismos *online* – como o *Whatsapp* – tiveram concretização mais uma vez *offline*. Evidenciou-se, assim, um *continuum* existente entre estes ambientes – ou estes universos – que, mais que analogicamente, são amostras reais de como o “virtual” não mais se opõe ao real, mas como estes mundos coexistem, como se complementam, como se compõem.

Por fim, saliento que observar estas especificidades só foi possível graças ao trabalho de campo realizado *on* e *offline*. A participação observante permitiu que eu fizesse parte do universo destes profissionais, fotografando o evento e compartilhando as fotos em meu perfil no *Facebook* e também na homepage do Portal Guapos, interagindo via chat do *Facebook* e via *Whatsapp*. O que se vê, por fim, é que toda e qualquer separação distintiva entre os chamados “universos” *online* e *offline* é problemática. O que se pode considerar são as formas de interatividade, nas quais vínculos, envolvimento e ligações estabelecidas são referenciais, e assim garantem o *continuum* que as formas de gauchismo – abordadas na etnografia – comunicam.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GUIMARÃES JR, Mário J.L. A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade *In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR*, II, 1997, Piriápolis, UY.

_____. “O ciberespaço como cenário para as ciências sociais”. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, IX, 1999a, Porto Alegre, RS.

_____. “Sociabilidade no ciberespaço: distinção entre plataformas e ambientes”. *In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC*, 51ª, 1999b, Porto Alegre, RS.

HUMPHREYS, L. “Mobile Social Networks and Social Practice: A Case Study of Dodgeball.” *In: Journal of Computer-Mediated Communication*, nº 13, pp. 341–360. 2007.

LEMOS, André. “As estruturas antropológicas do ciberespaço”. *In: Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2a. ed., 2004.

LESSA, Luís Carlos Barbosa. **Nativismo: Um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre, RS: L&OM, 1986.

LEWGOY, Bernardo. “A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço”. *In: Civitas*, Porto Alegre, RS, v.9, n.2, pp. 185-196. 2009.

NOERNBERG, Priscila. **CHIMARRÃO E(M) CANOINHAS/SC: tomar, saber, fazer e comunicar**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – CFH/UFSC, Florianópolis, SC, 2012.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. 12a. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2010.

PELLANDA, Eduardo. “A conexão entre lugares e espaços proporcionada pela rede Foursquare”. *In: Intexto*. Porto Alegre, RS: UFRGS, v. 1, n. 24, pp. 164-175. 2011.

RIFIOTIS, Theophilos. “Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade.” *In: RIFIOTIS, Theophilos... [et al.]*, organizadores. **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

SILVA, Ana Lúcia Migowski da; ZAGO, Gabriela da Silva. “Imagens nas redes sociais móveis: Mídias locativas e memórias coletivas sobre lugares”. *In: SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa; BALDESSAR, Maria José (org.)*. **Olhares sobre a cibercultura**. Florianópolis, SC: CCE/UFSC, 2012.

Artigo recebido em: 05/10/2017

Aceito em: 30/11/2017